

Tirar prazer da obra de arte?

Ana Viale Moutinho (ana.moutinho@gmail.com)

A fruição

Na noção de fruição de uma peça, está implícito que o seu espectador ou utilizador vai compreendê-la, perceber para que é que ela serve e, por fim, tirar partido dela, no sentido de gostar ou não dela.

Descobrimos que, no seguimento da definição anterior, a legislação portuguesa, no artigo 78º da Constituição da República Portuguesa, prevê o Direito à Fruição e Criação Cultural, segundo o qual “todos têm direito à fruição e criação cultural, bem como o dever de defender o património cultural” e que o Estado está incumbido de diversas obrigações para esta situação se realizar (Secretaria de Estado para a Modernização Administrativa).

Nos anos 80, a Museums Association (Davies, 1994: 36) definiu o museu como uma instituição que recolhe, documenta, preserva, exhibe e interpreta materiais, aos quais associa informação para benefício do seu público. Esta ideia está actualizada, na medida em que, hoje em dia, e segundo a Museums and Galleries Commission (1994: 321), é função dos museus colocar à disposição dos seus visitantes ou estudiosos um representação selectiva das peças das suas colecções, bem como a informação disponível sobre elas, de forma a poder ser estudada e... fruída.



“Retrato de Fernando Pessoa”, 1964, Almada Negreiros

A importância da fruição das peças

1. Várias maneiras (numa só) de encarar a fruição
Quando se fala em fruição, usualmente, o conceito está ligado à obra de Arte¹, a algo criado por um artista plástico que está acabado (se bem que o artista raramente o considere como tal²) e definido segundo uma intenção precisa, e o objecto é fruído por vários espectadores que lhe darão um significado diferente, consoante as suas vivências.



“Composição I”, 1931, Piet Mondrian

Sandra Oliveira (1996) confirma esta afirmação ao dizer que um dos caminhos para ler a obra de Arte será compreender os objectos que agregam a função estética a outras funções. Para outro autor, Carlos Eduardo Souza (s.d.), a fruição é apenas a metade da experiência global da Arte. A outra metade é a criação. Desta forma, a fruição leva ao fascínio e à criatividade, ambos encarados de forma positiva ou negativa.

Ainda dentro do tema, Pierre Bourdieu (Lopes, s.d.) distingue duas formas do prazer estético: a fruição e o deleite. A primeira está ligada a uma percepção sensorial e emocional, que interpreta de forma muito pessoal cada um dos códigos com que se depara; enquanto que o deleite é o “apanágio dos instruídos e de todos aqueles que apropriam adequadamente as obras culturais”, isto é, pertence só àqueles que têm o privilégio de saber compreender as obras de Arte, que têm conhecimentos para tal.



“A tração das imagens (isto não é um cachimbo)”, 1928-9, René Magritte

Tirar prazer da obra de arte?

2. A importância da fruição

Com o intuito das peças serem fruídas, é conveniente que elas sejam o mais objectivas possível, de modo a que o fruidor não faça um esforço muito grande em assimilá-las e a entendê-las. Assim, quanto

(...) maior for a distância em relação às normas e modos de vida quotidianos (como expressivamente aconteceu a partir da ruptura modernista), maior o esforço intelectual de abstracção que os públicos têm de fazer. Por outro lado, quanto mais essa distância diminui, mais aumenta a fruição receptiva de tipo imediato, espontâneo e emocional (Lopes, s.d.).

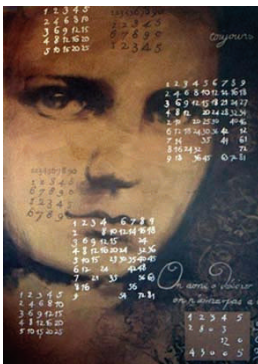
No fundo, toda a “verdadeira” arte (seja ela o que for) se destina a uma fruição futura. Esta fruição pode também derivar das interrogações que ela venha a suscitar depois de ser deslocada do contexto em que foi feita e depois de ter perdido os usos que nos habituamos a dar-lhe, sejam eles ideológicos, decorativos ou, simplesmente, de mercadoria.

Conclusão

Não basta haver pintura, ou arquitectura, ou escultura, é preciso que haja quem, é preciso para dar a crítica, para dar o valor, para dar o interesse, quem saiba observar, quem saiba ver, quem saiba ver.

Os vários autores consultados chegaram, mais ou menos, à conclusão de que para uma peça ser fruída, seja ela considerada obra de Arte ou não, mesmo um objecto doméstico, ela deve conter todo o tipo de informação para ser facilmente compreendida.

Assim, e em conformidade com o anteriormente explícito, cada peça tem de comunicar com o seu espectador. Se tal não acontecer, ela não tem valor, o seu espectador sentir-se-á como “um boi a olhar para um palácio”, ou “dar pérolas a porcos”, isto é, não serve para nada.



"sample03010", 2000, Luís Melo

Bibliografia:

- Bradley, Susan M. (1994). Do objects have a finite lifetime?. In: Knell, Simon (Ed.). *Care of Collections*. London, Routledge, pp. 51-59.
- Eco, Umberto (1989). *Obra aberta*. Lisboa: Difel.
- Getty Conservation Institute (1994). Preventive conservation. In: Knell, Simon (Ed.). *Care of collections*. London, Routledge, pp. 83-87.
- Lopes, João Teixeira (s.d.). A «boa maneira» de ser público. [Em linha]. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.ph3?html2=lopes-jt-publico.html> [Consultado em 15/06/2001].
- Macarrón Miguel, Ana Maria e González Mozo, Ana (1998), *La conservación y la restauración en el siglo XX*. Tecnos: Madrid.
- McLuhan, Marshall e Fiore, Quentin (1971). *The Medium is the Message*. (3ª ed.). London: Penguin Books.
- Museums and Galleries Commission (1994). Registration Scheme for museums and galleries in the United Kingdom. Second phase: Draft for Consultation. In: Kavanagh, Gaynor (Org.). *Museum Provision and Professionalism*. London and New York, Routledge, pp. 311-323.
- Oliveira, Sandra Regina Ramalho e (1996). O acesso aos produtos estéticos e a quebra de paradigmas. [Em linha]. Disponível em <<http://www.arte.unb.br/anpap/ramalho.htm>> [Consultado em 15/06/2001].
- Secretaria de Estado para a Modernização Administrativa (2001). [Em linha]. Disponível em http://www.infocid.pt/infocid/1032_1.asp. [15/06/2001].
- Souza, Carlos Eduardo (s.d.). Mecenas e fruição. [Em linha]. Disponível em <<http://www.cbm-musica.org/cgi-bin/revista?var=0002.brw>> [Consultado em 15/06/2001].
- Stuart, Davies (1994). A sense of purpose: rethinking museum values and strategies. In: Kavanagh, Gaynor (Org.). *Museum Provision and Professionalism*. London and New York, Routledge, pp. 33-40.
- Valentini, Stelio (1995). Conclusion. In Byrne-Sutton, Quentin; Renold, Marc-André e Böheli-Mariotti, Béatrice (Ed.). *La restauration des objets d'art, aspects juridiques et étiques*. Paris, La Bibliothèque des Arts.

Tirar prazer da obra de arte?

¹ É cada vez mais difícil definir Arte e estabelecer uma fronteira entre aquilo que é ou não é Arte, pois, e como diz Thierry de Duve, não há um fundamento teórico para a nomeação da arte. Ou, então, segundo McLuhan e Fiore (1971: 130-134), Arte é tudo o que se possa entender como tal.

Eu entendo o termo Arte como algo criado por alguém, que traz novidade e que está exposto numa galeria de arte ou num museu. A obra de Arte será, então, algo que tem uma fruição própria e que, consoante os seus espectadores, tem um significado diferente.

² Trata-se de uma “obra para acabar” (Eco, 1989: 90), para ser interpretada e compreendida pelo próprio fruidor e em que o artista perde completamente o controlo - é aquilo a que Umberto Eco chama “obra aberta”, a ideia de continuidade entre a obra do artista e a obra ‘acabada’ pelo fruidor.